

Apresentação

Pensar, existir e resistir

O Brasil vive sob uma onda de discursos integristas e de ataques à ciência, à cultura e aos seus principais espaços de realização, as universidades públicas; combinado com o incentivo a práticas discriminatórias contra os segmentos subalternizados, como mulheres, povos originários, negros, LGBTQs e nordestinos. Já há tempos que essas narrativas ganharam corpo nesse ordenamento social mediado, marcado pelo conceito heideggeriano (HEIDEGGER, 1993) do falatório (*Gedere*), ou pela democratização da idiotice na visão do pensador Umberto Eco (ANGOTTI, 2015) e pelo esvaziamento da esfera política, conforme atesta Zygmunt Bauman (1994). E como afirma Rancière (1996), à medida que se esvazia a política entra a “polícia” (figura arquetípica que sintetiza uma lógica de repressão, de controle do diverso), e nada mais relevante que dar vazão ao tema “Arte, política e mulheres na América Latina” nesta edição da Extraprensa.

América Latina que, não muito tempo atrás, foi considerada por Emir Sader como o lugar do mundo em que mais brotavam experiências sociopolíticas alternativas ao paradigma da globalização neoliberal, mas que vive um momento de retrocessos, com a constituição de Estados de contrainsurgência centrados fortemente em valores antiiluministas. Os ataques desses segmentos de extremadireita às universidades não são à toa. Não se trata apenas de adequação de instituições públicas ao projeto neoliberal, mas também de enfrentamento ideológico a espaços em que, minimamente, ainda se tenta manter um respiro de pensamento

crítico, de construção do novo, seja pela universalidade do discurso científico ou da particularidade da narrativa artística. Silenciosamente aparecem, ainda que pontualmente, ideias insurgentes, recusa ao instrumentalismo medíocre do conhecimento. É sintomático, ainda, que a maioria daqueles presentes nesse espaço de respiro é composta por mulheres.

Esta edição da Extraprensa é um convite a uma reflexão sobre silenciamentos históricos, com artigos como o que analisa o papel de mulheres jornalistas na produção de reportagens investigativas durante o período da ditadura 1964/85 no Brasil, de Cândida de Oliveira, Criselli Montipó e Magali Moser; ou o que trata das mulheres da Amazônia, de autoria de Fabiana Nogueira Chaves e Maria Rita de Assis César. Ainda no campo da luta política stricto sensu, Luiz Ademir de Oliveira e Deborah Luísa Vieira dos Santos analisam como o documentário *O Processo*, de 2018, retratou o impeachment da presidenta Dilma Rousseff ocorrido no ano de 2016, visto por grande parte do pensamento político como uma nova modalidade de golpe de Estado. O cenário da ditadura militar também é o pano de fundo para se discutir a diversidade das existências femininas no Brasil dos anos 1970, em artigo de autoria de Nadiesda Carolina Dimambro Capuchinho.

Mulheres artistas são personagens centrais no artigo sobre a música de Elza Soares, de autoria de Cláudio Rodrigues Coração e Francielle de Souza; sobre as obras da artista plástica mexicana Remedios Varo, em texto elaborado por Juliana Michelli da Silva Oliveira;

sobre a leitura histórica da obra musical de Eunice Katunda e sua influência na música erudita brasileira, em artigo de Amilcar Zani, Eliana Monteiro da Silva e Marisa Milan Candido; e sobre as possibilidades de construção de um olhar feminino do gestar e parir na obra de Nicola Costantino, em texto apresentado por Carmem Rocher.

Fecham a parte temática desta edição os artigos que propõem uma análise do discurso das celebridades sobre o parto humanizado, de autoria de Camila Rabelo Coutinho Saraiva e Maria Angela Pavan, e o estudo das experiências diaspóricas de mulheres haitianas durante a sua estada na Universidade Federal da Integração LatinoAmericana em Foz do Iguaçu (PR), em texto de Angela Maria de Souza e Karina Schiavini.

A edição ainda conta com três artigos de temas gerais versando sobre jornalismo, TV pública e design; um relatório de pesquisa sobre a obra de Hélio Oiticica; e fecha com uma resenha do livro de Ruth Amossy, *Apologia da polêmica*.

A riqueza e a sofisticação das reflexões aqui apresentadas mostram que, de fato, quem aposta na irracionalidade como forma de estabelecer suas lógicas de sociabilidade tem razões de sobra para temer o espaço acadêmico. Mas a teimosia de nossa existência é que faz com que pensar continue sendo a nossa resistência.

Prof. Dr. Dennis de Oliveira

Julho de 2019

Coordenador do CELACC

Referências

ANGOTTI, Amalia. Umberto Eco, Internet dà diritto di parola a legioni imbecilli. **Ansa**, Roma, 10 jun. 2015. Cultura. Disponível em: <http://bit.ly/2LWBNLn>. Acesso em: 2 ago. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**: política e filosofia. São Paulo: Editora 34, 1996.